

# Aprendendo a Ensinar no estágio curricular: a Educação Musical Humanizadora como potencial de formação e ensino

## Comunicação

### GTE 03 - Educação Musical e Humanização

*Jordanna Andretto*  
*Universidade Estadual de Maringá*  
*jorandretto3211@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho apresenta minha experiência enquanto estagiária em uma turma do 4º ano do ensino fundamental em escola pública, atuação necessária para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, da Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Neste cenário, elaborei um projeto com objetivos e conteúdos musicais e, ao adentrar no campo de estágio, me deparei com demandas que exigiam um olhar mais cuidadoso. Apresento alguns aspectos da Educação Musical Humanizadora e seu potencial formador, que se mostrou uma ferramenta potente para guiar minha interação com as crianças de forma respeitosa e formativa. Na sequência, compartilho alguns momentos vivenciados durante minha regência, onde houve uma mudança gradual nos comportamentos dos alunos. Com a amostragem contida neste artigo, é possível compreender como o papel do professor é fundamental no desenvolvimento humano das crianças em fase escolar.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Estágio Curricular; Educação Humanizadora.

## Introdução

Este artigo trata-se de um relato de experiência extraído da minha atuação na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, da Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para realizar meu estágio, escolhi uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública, onde após uma primeira observação da turma, pude iniciar a elaboração do projeto do estágio. Neste documento, inicialmente elaborei as aulas com foco no ensino e aprendizagem de ritmos

brasileiros, como baião, xote, samba, etc. Além do reconhecimento e vivência, também fez parte dos objetivos que os alunos pudessem se identificar culturalmente, que houvesse um sentimento de pertencimento nestas expressões.

No desenvolvimento deste projeto, pesquisei por autores e/ou educadores que falassem sobre música brasileira, percussão corporal e instrumental, identidade cultural e aprendizagem coletiva. Acredito ser de suma importância a prática musical brasileira, um meio tão rico de diversidades musicais e que deve ser mais valorizado em nosso próprio país, pois é parte de nossa cultura e identidade. Em meu projeto estavam previstos vários ritmos brasileiros, que acabaram tendo que ser reduzidos devido à algumas aulas que não ocorreram por recessos de feriados, atividades escolares que não estavam programadas e também para poder aprofundar mais o conteúdo, no ritmo de aprendizado na turma.

Em minha primeira atuação, adentrei a sala de aula preparada para ministrar o conteúdo do dia: Parâmetros Sonoros. Esta foi minha primeira interação oficial com a turma na posição de professora de música. Logo após observação, perguntei à professora supervisora sobre o histórico de alguns alunos que me chamaram atenção por diversos motivos, entre tentativas exageradas de chamar a atenção, a não participação na aula, entre outras coisas. Nesse diálogo a supervisora me relatou sobre a situação difícil de alguns alunos que estavam ali, alunos imigrantes, alunos que passaram por situações de violências e abusos em casa, alunos com suspeita de altas habilidades, mas que por não haver o diagnóstico, estavam mal direcionados e/ou amparados. Neste contexto, pude perceber que para ser professora ali precisaria ir além da gestão dos conteúdos.

Além dos objetivos de aprendizagem que devem ser desenvolvidos durante as aulas do estágio, me deparei com todas estas situações, que vão além do que aprendemos a lidar durante a formação docente, e apenas me perguntava: como lidar com estas situações?

Em diversos momentos da minha graduação, tive dificuldades para conseguir conciliar as complicações da vida pessoal com as responsabilidades da graduação. Em crises de ansiedade ou semanas depressivas, acabava faltando muito em aulas ou tendo que sair da sala por não conseguir lidar com o emocional carregado e o estresse acumulado que culminavam em ataques de pânico. Nesses momentos, alguns professores exerceram papel fundamental em minha vida, me dando apoio, compreensão e empatia, me ouvindo, me levando para um ambiente mais tranquilo para que me acalmasse, me oferecendo um abraço, apoio e compreensão.

Com essas referências, já imaginava como gostaria de ser quando me tornasse professora, e assim como afirmam Cíntia Morato e Lilia Gonçalves (2009), nós aprendemos a ser professora através da observação, desde a infância e durante todo o processo educacional, de forma orgânica e por aproximação. Portanto, com essas experiências aprendi não “apenas” a ser professora, mas também a ser uma pessoa mais empática e humana.

Olhando para trás e lembrando como esses professores(as) me ofereceram suporte e ainda assim se mantinham profissionais durante as aulas, penso que a educação pode e deve ser uma ferramenta de formação e acolhimento em todos os níveis de ensino. Inspirada por esses profissionais, adotei uma postura semelhante para realizar meu estágio e encontrei na educação humanizadora a resposta para minha pergunta.

Percebi que para além de ministrar os conteúdos previstos no meu projeto de estágio, seria necessário também, para que aquele trabalho de fato me representasse, que eu utilizasse as estratégias de ensino que levam em conta a educação humanizadora, o respeito ao aluno e às suas bagagens e a promoção de um espaço seguro, acolhedor e, portanto, propício para a aprendizagem.

Dessa forma, apresento no subtítulo seguinte parte da literatura que me orientou na promoção desse espaço. Na sequência, compartilho algumas experiências vivenciadas no contexto escolar que tratam de

momentos de acolhimento e compreensão bem como seus impactos no aprendizado e no envolvimento das crianças com a aula de música. Por último, nas considerações finais, retomo o objetivo deste relato apontando para os aprendizados que pude extrair dessa experiência e que contribuem para o processo de formação docente em que me encontro.

## **Educação Humanizadora no processo de ensino e aprendizagem**

Mesmo com meus objetivos iniciais, também pensava em como faria para gerar em sala de aula um ambiente acolhedor, formativo e humanizado. Como afirma Dutra (2024), “não é possível se falar em educação, e conseqüentemente em educação musical, sem se levar em consideração a perspectiva do humano como agente principal e ativo nesse processo” (Dutra, 2024, p. 8). Além disso, segundo Estelle Jorgensen (2020), “ser humana implica colocar as pessoas e as suas necessidades, preocupações e interesses individuais no centro do meu ensino, tratar os outros como sendo igualmente merecedores de honra, respeito mútuo, dignidade e afeto” (Jorgensen, 2020, p. 20). Concordando com esses princípios passei a ensinar e aprender em reciprocidade com os alunos, criando um vínculo de confiança que foi se estreitando ao longo das aulas.

Com o olhar observador para com os alunos, pude ir alterando e repensando os planos de aula, trazendo temas de interesse deles e meus, como forma de atingir os objetivos inicialmente propostos, de ritmos e música brasileira, mas sem perder o propósito de formação humana. Para Kater (2004) o papel do educador musical também se volta para o desenvolvimento pessoal do aluno, dando subsídios para superar limites, explorar o próprio ser e refletir a si mesmo como ser humano, e assim, aplicando este pensamento durante as aulas com as crianças, e com algumas atitudes simples, pude ver uma mudança acontecer.

Ainda segundo este autor, a música e educação são alguns resultados da humanidade, que quando juntos, possuem potencial de

formação e autoconhecimento. Neste contexto, a educação musical se torna uma grande ferramenta de desenvolvimento humano, tornando o professor um exemplo e/ou modelo, como visto anteriormente em Morato e Gonçalves (2009), e relacionando com Kater (2004), os alunos aprendem com o mimetismo, não apenas os aspectos musicais, mas também a postura, padrões e maneira de ser. Neste caso, o autor ainda enfatiza a importância do professor estar sempre se regulando e prestando atenção em seus próprios comportamentos.

No caso deste relato de experiência, a problemática está justamente em como desenvolver um trabalho do estágio em uma turma heterogênea onde possui crianças em diversas situações sociais e psicológicas. Portanto, a atuação do professor regente se torna a chave para o desenvolvimento do equilíbrio entre a música e o ser humano, de forma a agregar todas as vivências da sala de aula com seus objetivos de aprendizagem. “Aprendemos com o outro, ensinamos o outro, tocamos com ele, ouvimos a ele, com ele falamos. Essa relação requer autonomia e respeito” (Dutra, 2024, p. 13).

Quando uma pessoa, seja adulta ou criança, está desestabilizada psicologicamente e emocionalmente, pode apresentar dificuldades para participar de qualquer atividade, como afirmam Viviane Louro e César Leite (2023):

Bortz afirma que crianças que crescem em ambientes socioeconômicos desfavoráveis, vivendo em constante ameaça de ‘agressão física, violência sexual, fome, instabilidades financeiras, falta de recursos, moradia, suporte emocional, educação, saúde, proteção, assédios e humilhações, são certamente vulneráveis ao estresse emocional’. O estresse excessivo pode interferir sensivelmente no processo de aprendizagem, causando diminuição da atenção e concentração e dano à memória. (Leite; Louro, 2023, p. 246)

Portanto, o aprendizado pode ser diretamente afetado por condições que extrapolam o meio escolar. Os autores ainda afirmam que a música pode se tornar uma ferramenta muito benéfica para a vida destas

crianças, quando bem regida pelo professor, auxiliando em diversos contextos, como a plasticidade cerebral, a socialização e a autoestima e influenciar tanto em aspecto socioafetivo quanto neurocognitivo. E completam:

Mas, cabe ressaltar que, para que a música contribua na motivação para o aprendizado, o papel do professor é fundamental na função de mediador para quebra de alguns preconceitos e para que o estudante em vulnerabilidade (e que por isso, já está estigmatizado) possa se sentir capaz de aprender [...] Nesse sentido, não é somente a música que promoverá resultados satisfatórios, mas a música unida à postura emocional/moral e a condução pedagógica do educador é o que realmente fará diferença na construção de crença de sucesso por parte do aluno (Leite; Louro, 2023, p. 248).

Com estas contribuições encontrei ferramentas para enfrentar o desafio que se apresentou na minha primeira atuação enquanto estagiária: como fazer com que os alunos possam se desenvolver musicalmente quando não há estímulo ou motivação para isso, levando em consideração todo seu contexto. Com estes ideais, passei a planejar aula a aula de acordo com o conteúdo de meu cronograma, mas também considerando aspectos que eram de interesse da maioria da turma. Portanto, na aula de samba, houve uma oficina de pandeiro, o instrumento mais desejado pelas crianças. Para Koellreutter, segundo Teca Alencar de Brito (2011), é necessário que também seja desenvolvido em sala de aula o que os alunos têm interesse “[...] ‘aprender dos alunos o que ensinar’, como dizia Koellreutter, para, dessa maneira, favorecer o acontecimento de processos significativos de ensino e de aprendizagem musical” (Brito, 2011, p. 8), afinal, tendo como objetivo de aprendizagem a compreensão e internalização do ritmo Samba, havendo possibilidade de fazê-lo e ainda valorizar o interesse dos alunos pelo instrumento, a aula pode se tornar ainda mais produtiva.

## Estágio e o desenvolvimento dos alunos

Conforme citado anteriormente, meu projeto de estágio tinha como objetivo a prática de músicas e ritmos brasileiros, que tiveram como início a percussão corporal dos ritmos e a vocalização deles, aspectos trabalhados durante as aulas, que tiveram como tema Baião e Samba. Após a vivência na percussão corporal, passar o ritmo para os instrumentos se torna uma atividade mais tranquila e orgânica, principalmente levando em consideração o interesse dos alunos, que tornou relativamente rápida a apreensão dos movimentos. “A prática rítmica através da percussão corporal é uma atividade lúdica que induz o aluno a fazer analogias dos sons do seu próprio corpo com o meio, instigando a diferentes possibilidades de criação e improvisação” (Ferreira; Chada, 2016, p. 3)

Logo após a primeira atuação, com tantas vivências distintas encontradas, uma das primeiras ações que adotei foi uma roda de conversa no começo de cada aula. Ali os alunos possuíam um espaço para contar como estavam se sentindo e um pouquinho de como tinha sido sua semana. Como minha aula era entrecortada, tendo apenas 15 minutos antes deles saírem para o lanche, este início se tornou propício para uma breve conversa sobre as vivências dos alunos durante a semana, uma recapitulação dos conteúdos das outras aulas, reforçar combinados e fazer uma breve introdução das atividades do dia, a serem iniciadas devidamente após o lanche.

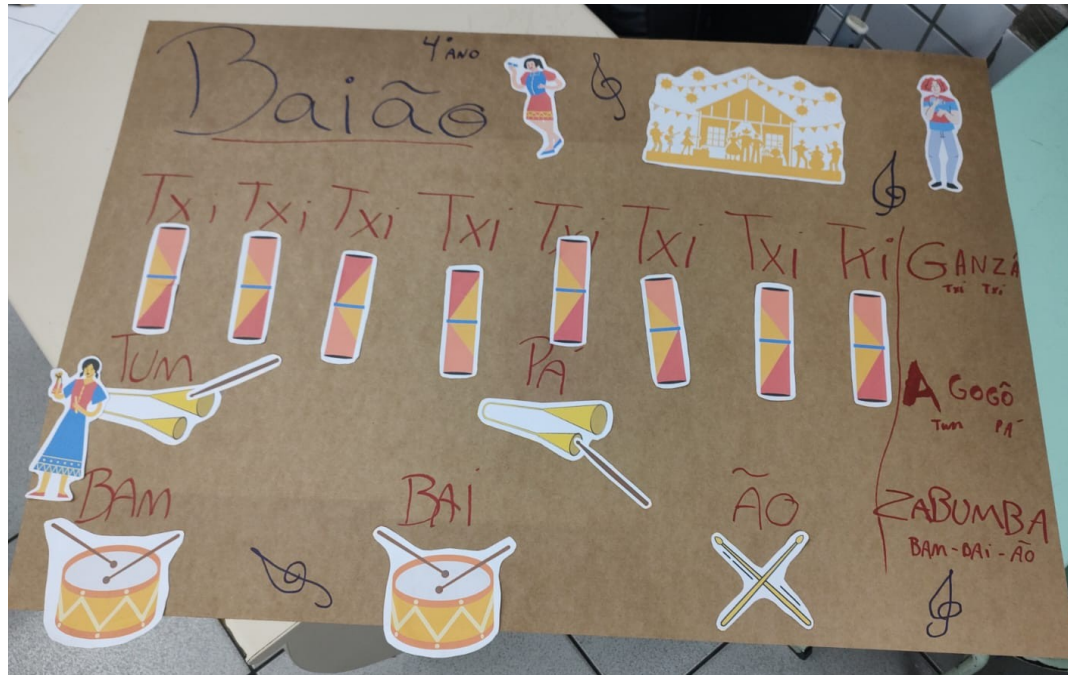
O primeiro ritmo que desenvolvemos em aula foi o Baião, utilizando tambores, agogôs e ganzás. Uma das formas de medir o conhecimento dos alunos sobre o ritmo e também valorizar suas vivências é justamente perguntando se conhecem algo sobre este tipo de música. Neste caso, poucos alunos se manifestaram, então brevemente falei que se tratava de um ritmo nordestino muito apreciado no Brasil e que um dos seus grandes nomes foi Luiz Gonzaga, que escutamos em seguida, além de outras músicas. A apreciação musical também se tornou comum em meus planos

de aula, como forma de difundir novas músicas e vivenciar outras experiências com os alunos. Ao fim de cada apreciação musical, comentavam o que achavam, os instrumentos que ouviram e o que havia de diferente em cada música apreciada.

Uma das coisas que fui conversando com os alunos no decorrer das aulas foram os combinados, algumas coisas que acordamos em reciprocidade durante conversas. Sempre que distribuía instrumentos, garantia que seriam revezados e que todos teriam oportunidade de tocar. Com isso, conseguia diminuir a ansiedade das crianças e construir uma relação de confiança e respeito mútuo. Acordos como me ouvirem quando peço silêncio e o cuidado com os instrumentos também foram muito benéficos no decorrer das aulas. Em consonância com o pensamento de Dutra (2024) ao incentivar a “autonomia ao pronunciar sua palavra, ao decidir e opinar, e respeito ao ouvir, ao deixar que suas ideias se fecundem com a do outro” (Dutra, 2024, p. 13), ou seja, permitindo que todos se expressem e possuam lugar de fala, de forma a colaborar com o desenvolvimento das práticas musicais de forma lúdica e leve.

Várias atitudes colaboraram para criar um ambiente propício ao aprendizado e desenvolvimento humano. Agradecer quando ajudam, conversar com eles durante o intervalo, acolher os erros e destacar as gentilezas foram algumas maneiras que achei para dar voz aos alunos e manter uma relação colaborativa. Com o passar das aulas, cada vez mais as crianças foram se oferecendo para ajudar a carregar os instrumentos, ajudar o colega com dificuldades na aula, ceder o instrumento para alguém que ainda não tocou, entre outras humanidades simples, porém gigantes e significativas. O criar coletivo, enfatizando o sentimento de comunidade e parceria foi algo muito especial que desenvolvemos em aulas. A exemplo, trago o cartaz que fizemos juntos na segunda aula de Baião, onde cada uma das crianças colou uma imagem ou escreveu, e ajudaram a escolher os vocais que representariam cada ritmo realizado na percussão corporal e nos instrumentos:

**Figura 1:** Cartaz desenvolvido em aula sobre ritmos do Baião



Fonte: acervo pessoal da autora.

Expor minhas próprias dificuldades também gerou uma empatia entre os alunos, que quando me veem errar o ritmo dizem: “está tudo bem, estamos aprendendo ainda”, ou quando estou tentando falar em meio ao barulho dos instrumentos, chamam atenção entre si para fazer silêncio pois a “prô” quer falar. Com este pensamento de ensino, mesmo que haja uma liderança do professor, os alunos ali presentes se tornam tão valiosos quanto todas as pessoas igualmente especiais e preciosas (Jorgensen, 2020).

Um caso em específico sempre me preocupava, uma criança que possuía muitos problemas em casa que acarretavam uma participação oscilante durante as semanas. Esta aluna não falava quase nada e logo nas primeiras aulas já notei que ela não participava tão ativamente quanto o resto da turma, inclusive se recusava a fazer atividades individuais, como improvisos rítmicos.

Pouco a pouco fui me aproximando, conversando com ela ocasionalmente ou sentando ao seu lado durante as práticas, a incentivando a tocar o instrumento e valorizando suas participações.

Mesmo tendo conversado muito rapidamente, ela passou o resto da aula próxima a mim e mais sorridente, principalmente quando enfatizei que ela estava correta no tambor e deixei que tocasse ovinho durante a aula, ficando inclusive mais participativa e interessada (Relatório de estágio da autora, aula 4, 2025)

Me surpreendeu a diferença de atitude desta aluna de uma semana que estava tranquila e participativa, para a outra onde estava completamente introspectiva e quieta. Ao finalizar a segunda aula sobre Baião, perguntei à supervisora se ela sabia o que tinha ocorrido. Ela me explicou que esta aluna estava triste pois os pais não tinham buscado o boletim dela, e sim o padrasto, que ela não tem uma boa relação. Por acaso, acabei encontrando com ela quando estava saindo da escola, e perguntei se estava bem, ao que recebi uma afirmativa apenas com um aceno breve com a cabeça. Disse que estava ali se ela precisasse de alguma coisa, e em seguida ela me abraçou, sorriu e voltou para a sala de aula.

Na semana seguinte, durante a primeira aula de Samba, a vi feliz e sorrindo enquanto tocava o instrumento que desejava tocar, o pandeiro. Ainda que tenham existido semanas melhores ou piores, pude perceber um crescente interesse pelas aulas e um significativo desenvolvimento musical. Também percebi essa aluna mais integrada aos grupos, conversando comigo e feliz em aprender um novo instrumento no ritmo que propus à turma.

Nesta mesma aula, sobre Samba, houveram algumas situações interessantes e que mostraram o desenvolvimento da empatia entre os alunos. A primeira delas ocorreu em uma aula que usaríamos o pandeiro e não havia instrumentos suficientes para todas as crianças. “Antes de iniciar, pedi a atenção de todos e expliquei que não haviam pandeiros suficientes, então precisava que fossem compreensivos e que alguns ficassem nos cadernos, para depois revezarem” (Relatório de estágio da autora, aula 5, 2025). O que me encantou foi que algumas crianças, por

mais que quisessem tocar, pegaram o caderno para dar oportunidade aos colegas primeiro, enfatizando novamente os valores trabalhados em aula.

Dou destaque a um desses alunos, que na semana anterior, também demonstrou grande empatia com os colegas: “Adrian acabou ficando duas vezes no agogô porque faltaram instrumentos para todos trocarem, e fui até ele agradecer, e ele ficou muito feliz por ter este reconhecimento” (Relatório de estágio da autora, aula 4, 2025); e na última semana:

Dou aqui o exemplo de Adrian, que era provavelmente o aluno que mais queria tocar, pois ele ama pandeiro e fala disso desde a primeira aula, mas ficou com o caderno na primeira parte, permitindo que seus colegas tivessem a experiência antes dele, demonstrando grande empatia e controle emocional (Relatório de estágio da autora, aula 5, 2025).

Com o revezamento dos instrumentos, todos os alunos tiveram a oportunidade de tocar e aprender com a oficina de pandeiro, um interesse coletivo, que foi contemplado em meu projeto. Mesmo que muitos ali nunca tivessem tocado esse instrumento antes, finalizamos a aula tocando Carinhoso, música do compositor Pixinguinha, inclusive com algumas convenções, guiadas por mim e que exigiam atenção de todos, que acharam muito divertido.

Os términos de aula também eram marcados por atitudes de cooperação em vários sentidos. Em algumas vezes, presenciava alunos que tinham tido mais facilidade com as propostas pedagógicas daquela aula auxiliando algum colega com mais dificuldade, ensinando ao seu modo. Também era comum que as crianças se oferecessem para me ajudar a carregar e guardar o instrumental utilizado durante a aula. E como as aulas aconteciam com as carteiras afastadas, era corriqueiro que eles reorganizassem o ambiente enquanto eu guardava minhas coisas mostrando que o cuidado extrapolava a aula de música.

## Considerações Finais

Este relato de experiência teve como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido durante o Estágio Curricular Supervisionado obrigatório em Escola Básica. Inicialmente o foco estava no reconhecimento e apreensão de ritmos brasileiros mas que com o passar das aulas foram acrescentados outros focos: construção e formação humana dos alunos. Dividido em duas partes, inicialmente foram apresentados alguns autores que versam sobre a Educação Musical Humanizadora, para em seguida compartilhar sobre a minha atuação particular no ambiente escolar, onde destaco os desenvolvimentos dos alunos, principalmente no sentido de formação humana.

A partir deste trabalho, foi possível observar que a forma como cuidamos e tratamos os alunos pode influenciar diretamente no seu comportamento e aprendizado. A escola muitas vezes é onde as crianças passam a maior parte dos seus dias, e ter seus sentimentos acolhidos, suas vozes ouvidas e seus feitos reconhecidos mostrou-se ser uma ferramenta de muito valor para seu desenvolvimento, tanto musical quanto humanizador.

Enquanto professora, a experiência com esta turma tão diversa serviu como ponto de partida para um novo pensamento ao ensinar, onde a formação do indivíduo se torna tão importante quanto o desenvolvimento musical. Tendo experimentado a empatia e o olhar atento dos meus professores para minha realidade, me lembrei como me senti enquanto aluna, e desejei replicar este sentimento de acolhimento e empatia em meus próprios alunos.

Com os resultados obtidos das crianças da minha turma, percebo que, para mim, não há outra maneira de ensinar que não seja colocando os alunos ao centro de meu ensino, valorizando suas vivências, necessidades e seu desenvolvimento pessoal. Uma relação de mútuo apoio, fortalecimento e aprendizagem.

Ressalto também um dos tópicos abordados neste trabalho, que é justamente a formação do professor que estará à frente dos alunos. Este, como foi exposto durante a revisão bibliográfica, deve sempre buscar melhorar, se desenvolver musicalmente e pessoalmente, “[...] (o que significa dizer conhecer-se melhor, cultivar o equilíbrio interno, centramento, determinação, coerência, criatividade, auto-observação, etc.), consciente da situação de referência que representa” (Kater, 2004, p. 45).

Finalizo este relato reiterando que ao entrar em sala de aula, estamos lidando com pessoas que estão formando suas personalidades, opiniões e sensibilidades. Portanto, a atenção com o discurso, o cuidado e a coerência se tornam muito importantes, além de muito desafiadores.

## Referências

BRITO, Teca Alencar de. Koellreuter educador: o humano como objetivo da educação musical. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2011. Disponível em: <<https://www.galileo.edu/esa/files/2011/12/3.-O-HUMANO-COMO-OBJETIVO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-MUSICAL-Teca-Brito.pdf>>. Acesso em: 26/06/2025.

DUTRA, Pedro. Por uma educação musical humanizadora: uma experiência a várias mãos. *Revista da Abem*, [s.l.], v. 32, n. 2, e32201, 2024. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1233/678>>. Acesso em: 23/06/2025.

FERREIRA, Leandro Machado; CHADA, Sonia. Dalcroze na pele: uma ferramenta metodológica para o ensino coletivo dos ritmos brasileiros na educação básica. In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM: Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, 2016, Teresina. *Anais do Encontro Regional Nordeste da ABEM* [s.l.], v. 2, 2016. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_ernd/v2/papers/2067/public/2067-6887-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v2/papers/2067/public/2067-6887-1-PB.pdf)>. Acesso em: 16/04/2025.

JORGENSEN, Estelle Ruth. Alguns desafios para a Educação Musical. O que podem fazer os professores de Música?. In: BOAL-PALHEIROS, Graça; BOIA, Pedro Santos. *Desafios em Educação Musical*. Porto (PT): CIPEM/INET-md ESE - P.PORTO, 2020. p. 17 a 37.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, [s.l.], v. 12, n. 10, 2004. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/361/290>>. Acesso em: 14/04/2025.

LEITE, César; LOURO, Viviane. Diálogos entre neurociências, moral, vulnerabilidade e aprendizagem musical. In: FERNANDES, Maria José da Silva; LOURO, Viviane. *Neurociência e Música: Pesquisa, Saúde e Educação*. São Paulo, Editora Unifesp, 2023. Cap. 10, p.234 a 259.

MORATO, Cíntia Thais; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver!. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 7, p. 111 a 123.